

Ficou para a História como um artista maldito, violento e vilão mas genial. Na verdade, quase nada é certo do que se conta de Miguel Ângelo Merisi, o Caravaggio. Certo é somente o génio, a espantosa originalidade da sua obra que faz dele um dos maiores pintores de sempre. Foi em Roma que Caravaggio pintou a maior parte dos seus quadros. E quatro séculos depois, muitos deles por lá se mantêm, exatamente no mesmo lugar para onde foram criados. Saiba como visitá-los.

☐ GONÇALO CADILHE

NA ROMA DE CARAVAGGIO





ROMA sempre atraiu pintores. Hoje retratam turistas na Trinità dei Monti (em cima) ou ruínas romanas nos Fori Imperiali (em baixo)



T

teve vida breve e misteriosa o maior artista de sempre da Roma barroca. Quase nada se sabe do que fez Caravaggio com os poucos quarenta anos que lhe foram dados para pisar este mundo terreno. Não sabemos o que pensava de si próprio e da sua obra, quem admirava e desdenhava, como se relacionava com amigos, amantes e inimigos, se era generoso, vingativo, mesquinho, suscetível culto ou reverente.

Sabemos, isso sim, que descobriu um novo tema para a História da Arte: a Realidade. Com Miguel Ângelo Caravaggio, os miseráveis, as prostitutas, os companheiros de copos e rixas, o povinho de Roma, enfim, a Humanidade real, passam para a frente do cavalete. Não de uma forma gentil, bela, retirada de contexto e idealizada; mas sim tal como são. Aliás, enfatizados tal como são.

Exemplo brutal desta forma de entender a arte é o celeberrimo quadro «Morte da Virgem», obra recusada com asco pelos clientes, os frades carmelitas descalços, quando depararam com o aspeto miserável, inchado, lívido de Nossa Senhora - com aspeto de estar efetivamente morta. Diz-se que Caravaggio usara como modelo o cadáver de uma mulher encontrada afogada no Tibre. Uma vez mais, a realidade tomara conta da arte.

Miguel Ângelo Caravaggio causou sempre escândalo: no plano existencial, com a vida boémia e dissoluta que levava; no plano artístico, com a audácia das suas composições; no plano ideológico, com a crítica velada ao poder secular da Igreja que certos quadros seus continham. A humildade terrena dos temas divinos pode ser lida como uma defesa da ala pauperística da Igreja, uma ideia de

religiosidade parca, desprovida de artifício e de soberba, certamente franciscana, muito próxima das heresias de Calvino e Lutero e, diríamos no século XX, ligada ao marxismo da Teologia da Libertação. Numa Roma jesuíta inundada de zelo religioso, empenhada numa ofensiva ao Protestantismo cujas armas teológicas seriam a pompa, a ostentação e o dogma, Caravaggio devia aparecer perante os seus horrorizados mecenas como uma espécie de elefante numa loja de porcelana. Inconveniente e insurrecto no início do século XVII, o pintor genial e maldito continua quatro séculos depois a deixar-nos perplexos perante tanta graça crua, tanta sensibilidade feroz, tanta perfeição trágica. Um quadro de Caravaggio é como se o flash de uma máquina fotográfica capturasse um instantâneo sem aviso prévio. Nesse instantâneo está todo o drama da existência humana.

A melhor parte da vida ativa de Caravaggio foi passada em Roma, cidade onde o artista chegou com 22 anos, em 1593, vindo de Milão e provavelmente em fuga da justiça. Também por causa de problemas com a justiça iria fugir de Roma em 1606, treze anos depois. Entre os poucos factos seguros e acertados que temos da sua biografia, situa-se o famigerado duelo de honra com Ranuccio Tomassoni, um proxeneta e rival de longa data que Miguel Ângelo assassinou com um golpe de espada na veia femoral na noite de 28 de Maio. A hipótese de que o pintor quisesse somente castrar Ranuccio, humilhação suprema, mas sem lhe tirar a vida, é defendida por alguns historiadores. Se foi esse o caso, então o hábil Caravaggio que conseguia criar as suas personagens apenas com estocadas do pincel sem necessitar de desenhar primeiro o esboço, dessa vez falhou o toque.

Os duelos eram ilegais em Roma, e punidos com a pena capital. Treze anos depois de ter chegado ao centro do mundo da pintura e quando o seu estilo original começava por fim a ser compreendido, Caravaggio teve que fugir inesperadamente de Roma para parte incerta, para sempre com a cabeça a prêmio. Restavam-lhe então apenas mais quatro anos de vida - morreria num naufrágio ao largo da Toscana. Mas o essencial da Eternidade estava feito. Roma foi a ponte.

Hoje, muito do melhor que Miguel Ângelo Merisi pintou continua espalhado pelas igrejas, museus e palácios de Roma, nesse mesmo pedaço de urbe que toda a gente sonha em visitar pelo menos uma vez na vida. Entre Termini e o Vaticano, ou seja, entre a Basílica de São Pedro e a estação ferroviária, os

UMA ESPLANADA INFORMAL numa viela perto da igreja de San Luigi dei Francesi



VISITAR ROMA NOS PASSOS DE CARAVAGGIO SIGNIFICA PERDER-SE NAS VIELAS QUASE INACESSÍVEIS AO TRÂNSITO APERTADAS NA ANSA DO TIBRE



UM RETRATO como *souvenir* (em cima), por um dos artistas que operam na zona de Trinità dei Monti (em baixo)

A ZONA DA PRAÇA DO POPOLO ERA OCUPADA POR ATELIÊS E RESIDÊNCIAS DE ARTISTAS E POR AÍ TENTARIA CARAVAGGIO INGRESSAR NO MILLIEU ARTÍSTICO ROMANO

grandes pontos de referência do turista moderno, estendem-se alguns dos mais emblemáticos exemplos da pintura de Caravaggio - cereja no bolo, quase todos se mantêm no mesmo espaço expositivo para onde foram encomendados.

Visitar Roma nos passos de Caravaggio significa perder-se nas vielas quase inacessíveis ao trânsito que se derramam a partir da praça do Panteão, nesse labirinto amigo entre Praça Navona e Praça do Popolo, cruzar mercados de verduras e de flores de manhã cedo em cada clareira urbana possível, afagar fachadas medievais que cedem espaço a igrejas barrocas apertadas na ansa do Tibre onde renasceu a «Cidade Eterna» depois das invasões bárbaras, no final do primeiro milênio.

Hoje tudo isto nos parece ideal e depurado, e Roma é fácil de identificar como mais um desses centros históricos italianos onde a qualidade de vida é um direito adquirido. Mas se olharmos para estes *rioni*, este conjunto de quarteirões, com os olhos de um artista acochado e irascível do final do século XVI, há algo de sinistro e inquietante nestes becos onde quase nunca entra o sol, nestas caves húmidas e imóveis na sua insalubridade desde sempre, nestas igrejas atravancadas como fruta num cesto desses que se pintavam no barroco, algo de inquietante neste excesso de tanta História em tão pouca geografia, nestas praças desertas com o cair da noite onde a ameaça de algo maior que a nossa fantasia se esconde ao virar de cada esquina.

É com esta predisposição que devemos chegar. Avançamos na direção de uma pintura densa, trágica, escura e oculta onde apenas a luz de um relâmpago iluminou por um segundo o momento essencial de um crime, de uma crucificação, de uma proposta indecente, de um êxtase místico, de uma morte, de uma tragédia. Quatro séculos depois, é esta a Roma de Caravaggio. O pintor salvou-a de um passado obscuro para que continue lá, à nossa espera.



1 { SAN LUIGI DEI FRANCESI

Se tiver a possibilidade de visitar apenas um dos lugares de Caravaggio, é este. A igreja de São Luís dos Franceses, dedicada ao rei de França Luís IX, cruzado e santo, guarda duas obras-primas absolutas da História da Arte dentro do tríptico da vida de São Mateus. A construção da igreja iniciou-se em 1518, mas depois de vários percalços só ficaria concluída em 1589. Caravaggio foi convidado pelo cardeal Cointrel em 1598 a executar três telas para uma das capelas. O trabalho iria precisar de cinco anos até ficar completo e, uma vez mais, causaria perplexidade e descontentamento no cliente - o pintor seria obrigado a reajustar as obras *Vocação de São Mateus* e *Martírio de São Mateus* e a apresentar uma segunda versão do quadro central, *São Mateus e o Anjo*.

A crítica mais comum ao pintor era a de não ter imaginação suficiente para idealizar uma cena bíblica, reproduzindo por isso modelos e situações da Roma real do século XVII. É verdade que só através de um estudo profundo dos efeitos da iluminação artificial sobre modelos em pose e cenários montados - como esta taberna romana onde Cristo «convoca» S. Mateus - conseguiria Caravaggio alcançar a absoluta originalidade dos contrastes brutais de luz e sombra das suas obras. Mas o pintor recorria à realidade precisamente porque queria, como sabemos, afastar-se dessa transcendência idealizada da pintura renascentista e criar uma linguagem nova. O historiador Andrew Graham-Dixon afirma, no livro *Caravaggio, A Life Sacred and Profane*, que a obra de Rembrandt na Holanda, George de la Tour em França, Ribera em Espanha, mesmo artistas muito posteriores como Gericault ou Delacroix «seria inconcebível sem a revolução pictórica alcançada por Caravaggio nas suas duas representações de cenas da vida de São Mateus (*Vocação* e *Martírio*). Não é um exagero afirmar que elas imprimiram na tradição da arte europeia uma mudança decisiva».

A igreja situa-se a poucos passos da **Praça Navona** e em frente do **Palácio Madama**, onde Caravaggio residiu durante anos como artista protegido do cardeal Francesco Del Monte. Os quadros encontram-se na segunda capela da esquerda, na obscuridade mas com iluminação a pagamento.

IGREJA SAN LUIGI DEI FRANCESI (Via Santa Giovanna d'Arco, aberto 09.30-12.30, 15.30-19.00, fechado quinta-feira à tarde)



S. Mateus e o Anjo, anterior a 1602

TURISTAS admiram as três telas de Caravaggio sobre a vida de San Mateus, na igreja de San Luigi dei Francesi



Judite que decapita
Holoferne, 1597-1598



Vocação de S. Mateus,
ca. 1599-1602

2 PALAZZO BARBERINI

Sendo da autoria conjunta de Bernini e Borromini, os dois maiores arquitetos do Barroco, o projeto do Palácio Barberini deu precisamente origem à célebre rivalidade que os dividiu para o resto das suas vidas. Durante séculos residência da família Barberini, hoje o edifício pertence ao estado e contém a **Galleria Nazionale di Arte Antica**.

É aqui que podemos observar um dos mais impressionantes e emblemáticos exemplos do estilo de Caravaggio. *Judite que decapita Holoferne* remete para um episódio bíblico em que a viúva hebraica Judite, depois de seduzir o general assírio Oloferne, o assassina para salvação do povo judeu. No quadro, vemos apenas um crime hediondo. Nada sugere nesse ato uma oportunidade de salvação que Deus oferece ao seu povo. Há apenas um instantâneo que imaginamos retirado de um bordel seiscentista, uma prostituta que acua com frio calculismo, uma velha serva que aprova com uma expressão enojada. Carracci, o pintor rival de Caravaggio, comentou com desdém: Judite «parece demasiado real». E era. Chamava-se Fillide Melandroni, era uma das cortesãs mais famosas de Roma, mulher violenta e sensual e provavelmente a razão da rivalidade entre Caravaggio e o proxeneta dela, Ranuccio Tomassoni, que o artista iria assassinar num duelo, anos depois.

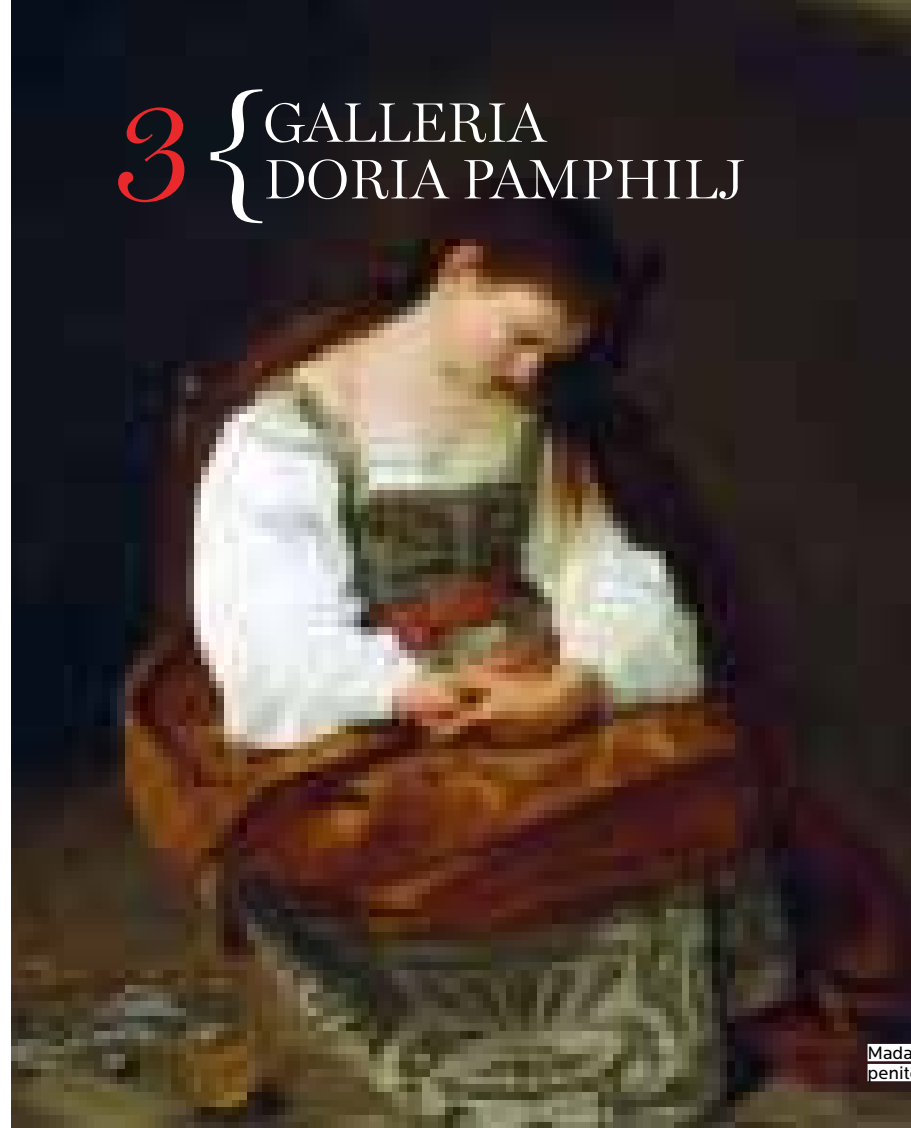
Tensão, drama, sensualidade mórbida, violência, horror e morte, os ingredientes da vida e da obra de Caravaggio resumidos num único quadro, este. **PALAZZO BARBERINI** (via delle 4 Fontane, 13 aberto terça a domingo, 8.30-19.00).

) Em caso de reserva de bilhete não é possível alterar data ou hora. Reserva por telefone 0039.02-32810 ou através de www.ticketeria.it/barberini-ita.asp



UM AMOLADOR numa das vielas da mesma Roma barroca que foi palco da vida genial e trágica de Caravaggio

3 GALLERIA DORIA PAMPHILJ



Madalena
penitente

A família Pamphilj (leia-se Pamfilí) possui este palácio com fachada na famosa **Via del Corso** desde o tempo de Caravaggio e a visita ao museu privado é uma forma excelente de ver não apenas algumas obras do pintor mas também os ambientes sociais que frequentava e, claro, a sumptuosidade palaciana das oligarquias romanas. A meio caminho entre o **Panteão** e a **Fonte de Trevi**, o palácio está no coração dessa Roma barroca que assistiu à breve glória e imensa tragédia do artista milanês. Caravaggio está presente na Galleria Pamphilj com obras da primeira fase de maturidade da carreira, datada do final do século XVI - uma *Madalena Penitente*, um *Repouso Durante a Fuga no Egipto* e um *S. João Jovem* - imagens perfeitas em composições interessantes, mas nada que nos provoque a convulsão, o fascínio, o drama e o horror da fase apoteótica com que Caravaggio inauguraria o século XVII.

GALLERIA DORIA PAMPHILJ (Via del Corso, 305, aberto 10.00-18.00, fechado dia de Páscoa, tel: 0039-066796323; www.dopart.it)



A GALLERIA PAMPHILI situa-se entre a praça do Panteão, nas imagens superiores; e a via del Corso, uma das artérias mais emblemáticas de Roma





O POR-DO-SOL a partir do miradouro do Pincio, por cima dos telhados da igreja de Santa Maria del Popolo

4 { SANTA MARIA DEL POPOLO

É uma das igrejas mais famosas de Roma, com uma coleção de arte maravilhosa, a começar na própria arquitetura interior, da responsabilidade de Bernini, passando pela composição da **capela Chigi**, da responsabilidade de Rafael. Conta a tradição que antes da igreja existir tal como a conhecemos hoje, nas suas formas renascentistas, se erguia uma capela do século XI construída para exorcizar o fantasma do imperador Nero, que tinha sido enterrado naquele local. Estrategicamente situada ao lado da **Porta Flaminia**, que assinalava a entrada em Roma dos viajantes provenientes do Norte, Santa Maria del Popolo terá sido provavelmente a primeira igreja romana que Caravaggio conheceu, certamente sem imaginar que poucos anos depois teria a responsabilidade de embelezar a capela Cerasi, compromisso que honrou com dois quadros absolutamente revolucionários. Para lá desta ligação de Caravaggio à igreja, também a zona da praça do Popolo, nomeadamente as ruas **del Babuino** e **Marguta**, era ocupada por ateliês e residências de artistas e por aí tentaria o jovem pintor o seu ingresso no *millieu* artístico romano.

As telas que foram encomendadas a Caravaggio representavam um desafio metafísico para o pintor: colocar frente a frente, em cada uma das paredes laterais da capela, uma *Crucificação de S. Pedro* e uma *Conversão de S. Paulo*, os dois santos mais amados em Roma, era implicitamente confrontá-lo com o seu homónimo Miguel Ângelo, o maior artista do Renascimento, que executara semelhante composição no Vaticano seis décadas antes. A História decidiria o resultado, com o passar dos séculos: empate absoluto.

Outro desafio, mas esse bastante mais terreno, residia na encomenda feita a Aníbal Carraccio, o maior pintor barroco do tempo de Caravaggio e seu rival de estilo e temperamento: Carraccio devia pintar no centro da capela, no meio dos dois quadros de Caravaggio, uma *Assunção da Virgem*. Não fora inocente a escolha dos dois, a trabalhar ao mesmo tempo para o mesmo lugar. O realismo pobre, ascético e revolucionário de um contra a grandiloquência insípida, beatificada e conservadora do outro. As três obras continuam lá. O leitor, quando visitar Santa Maria del Popolo, que decida o vencedor.

IGREJA SANTA MARIA DEL POPOLO (Praça del Popolo, aberto 07.00-12.00 e 16.00-19.00)



Crucificação de S. Pedro

5 { IGREJA DE SANTO AGOSTINHO

A encomenda original pedia uma Nossa Senhora do santuário de Loreto, famosa meta de peregrinação na Itália Central, para a capela funerária do casal Vittrice, na **igreja de Santo Agostinho**. Uma vez mais, o artista baralhava as regras do jogo e apresentava inovações incómodas e inconvenientes. Por um lado os clientes, marido e mulher, ficavam fora do quadro, anónimos, e não retratados em oração ao lado da Virgem, como era convenção. Por outro, o centro do quadro não era essa mesma Virgem mas sim dois miseráveis peregrinos que no final da peregrinação recebiam a graça de uma aparição.

Talvez por ter sido encomendada por um cliente que simpatizava com as correntes pauperistas da Igreja tão caras a Caravaggio, esta *Nossa Senhora de Loreto* não foi recusada. Ou mais simplesmente ainda, não foi recusada porque o senhor Vittrice entretanto já tinha falecido - Caravaggio demorara quase dois anos a meter mãos à obra a esta encomenda. Mas sobretudo o quadro terá sido bem aceite porque se destinava a figurar numa igreja na *via cruxis* que os peregrinos percorriam para chegar à **Basilica de São Pedro**. Assim, escreve Graham-Dixon no livro citado, o quadro *Madonna di Loreto* é «descarnado até à banalidade, explícito no seu apelo às massas (...) é o cumprimento, na arte, do sonho de cada peregrino. No final da viagem (...) uma aparição».

Depois das suas telas em Santa Maria del Popolo, a primeira igreja a ser visitada por milhares de europeus que desciam a Roma, o artista voltava a expor uma obra noutra das principais igrejas da capital da Cristandade. **IGREJA SANT'AGOSTINO** (Piazza di Sant'Agostino, 80. aberta 7.30-12.30; 16.00-18.30)



Nossa Senhora de Loreto, 1573-1610

PRAÇA NAVONA, referência para a visita da Igreja de Santo Agostinho, no acesso oriental da praça



6 { PINACOTECA VATICANA



FACHADA DO PALÁCIO MONTECITORIO, de Bernini, um dos símbolos da Roma barroca e porta de acesso ao território de Caravaggio

FEIRA MATINAL no Campo dei Fiori, a zona onde Caravaggio assassinou em duelo um seu rival



Deposição no calvário, 1602-1604



A *Deposição no Calvário* foi o quadro mais amado de Caravaggio durante a sua vida, aquele que reuniu mais consenso e admiração. Datado no final de 1604, é uma obra menos provocatória, menos dura de observar, menos sombria do que era nele habitual. Talvez o próprio artista estivesse cansado de tanta provocação e repúdio, de tantos altos e baixos profissionais e privados. Quem sabe se não é por essa necessidade de fazer as pazes com a ortodoxia artística, com o gosto clássico, que aquele Cristo estendido nos recorda tanto o Cristo da Pietá de Miguel Ângelo, esculpido quase um século antes?

Mas não deixava de ser polémica a miséria material e a dor terrena dos personagens retratados: Nicodemo, S. João, Madalena, e Maria, a mãe do homem morto e prestes a ser sepultado. Também causava estranheza a dificuldade ergonómica dos apóstolos em depor este fardo pesado, quase a tropeçar em si e no cadáver. Apesar de tanto realismo a obra, no entanto, era de uma composição perfeita, clássica, irradiando equilíbrio e cumplicidade no espetador. Inicialmente exposto na Igreja Nova, o quadro foi emprestado em 1797 ao Museu Napoleão, em Paris para uma exposição e quando regressou a Roma passou à Pinacoteca Vaticana. Não foi por acaso este o quadro escolhido entre os vários disponíveis para a exposição em França: era considerado o melhor de Caravaggio. Precisamente, o mais amado, o mais consensual, o mais ortodoxo dos seus trabalhos.

PINACOTECA VATICANA (Viale Vaticano, aberta de segunda a sábado 9.00-18.00, última entrada às 16.00; fechada aos domingos exceto último do mês e feriados do Vaticano). Aconselhada a reserva de bilhete, com data marcada. Telef. 003906-69884676. www.mv.vatican.va

7 { GALLERIA BORGHESE

Grande admirador de Caravaggio, o cardeal Scipione Borghese foi um dos maiores colecionadores de arte do seu tempo. Sobrinho do Papa Paulo V, usou todos os meios legais e ilegais à sua disposição para se apropriar de quadros e esculturas que ambicionava. Mandou erguer um sumptuoso palácio no meio de um enorme parque onde reuniu essa coleção. E que lá continua, à nossa espera, no mesmo sítio: **Villa Borghese**, hoje um dos museus mais importantes de Roma.

Entre várias obras de Rafael, Ticiano, Bernini, Veronese destaca-se o inquietante quadro de Caravaggio *Nossa Senhora dos Palafroneiros*, que se destinava inicialmente a figurar numa capela lateral do Vaticano. Para deleite do cardeal Borghese, esta obra foi prontamente recusada pelos clientes, a confraternidade dos Palafroneiros. Entre outros «defeitos» encontrados no quadro, Caravaggio mostra-nos uma velha encovada e cheia de rugas no lugar de Santa Ana, a santa padroeira da confraternidade. Também o peito generoso e meio descolado de Nossa Senhora, cujo modelo era a amante do pintor - uma conhecida prostituta de nome Lena - não terá contribuído para o sucesso da obra. Mas a razão mais provável para a sua rejeição tem a ver com questões teológicas hoje completamente esquecidas mas que em plena contrarreforma, numa Roma à caça de hereges e de possessos, era extremamente delicada. Santa Ana tinha sim ou não o dom da graça, do perdão, da salvação? Para o povinho sim, para a ala mais progressista da Igreja também, para certas heresias luteranas igual; para as cúpulas ortodoxas do Vaticano, não. Apenas Cristo, Nossa Senhora e a própria Igreja detinham esse poder. O quadro de Caravaggio era de uma ambiguidade desconfortável e Paulo V mandou retirar a obra do Vaticano dois dias depois de lá ter sido colocada. E o cardeal Borghese comprou imediatamente a obra à confraternidade que a encomendara, e que não estava mais interessada nela.

Esta humilhação acelerou o processo de desgraça pessoal do pintor que, juntamente com uma série de escândalos e problemas com a justiça, o fariam abandonar Roma poucas semanas depois. Este é portanto o último quadro do período romano de Caravaggio (juntamente com a *Morte da Virgem*, mas exposto hoje no Louvre). Na Galleria Borghese podemos apreciar o percurso completo do pintor: desde dois dos seus primeiros quadros, *Baco doente* e *Mocinho com cesto de fruta*, de 1593, passando pela maturidade plena da *Nossa Senhora dos Palafroneiros* e do *David com a Cabeça de Golias* (em que essa cabeça cortada é a do próprio artista, símbolo do poço sem fundo em que caíra por culpa própria) até chegarmos a uma das suas últimas obras, um *São João Baptista* pintado no exílio e que foi encontrado com os seus haveres após a sua morte. Esta figura vagamente andrógina e sedutora levanta algumas questões sobre a orientação sexual do artista, ou pelo menos do cliente que teria encomendado a obra. Mais um dos muitos mistério que a vida de Caravaggio deixou por decifrar.



Baco Doente, 1593

GALLERIA BORGHESE

(Piazzale del Museo Borghese 5, aberto terça a domingo, 8.30-18.30.) Obrigatória a reserva de bilhete. Não é possível alterar data ou hora. Reserva por telefone 0039.02-32810 ou através de www.ticketeria.it/ticketeria/borghese



Nossa Senhora dos Palafroneiros



OUTROS LUGARES DE CARAVAGGIO

MUSEU GALLERIA CORSINI (Via della Lungara, 10, aberto terça a domingo, 8.30-18.30.). Apresenta dois quadros: *Narciso* (1599) e *S. João Baptista no Deserto* (1606)

IGREJA SANTA MARIA DELLA CONCEZIONE (Via Veneto, 27. Horários de visita reduzidos por trabalhos de restauro: 07.30-08.30 e 17.30-18.30). Recentemente atribuído a Caravaggio o *São Francisco em Oração* (1603) exposto na sacristia

MUSEUS CAPITOLINOS (Piazza del Campidoglio 1, aberto terça-feira a domingo 9.00-20.00). Conserva duas obras: *A Boa Sorte* (1595) e *São João Baptista* (1599)